

QUANDO A PSICOLOGIA ESCOLAR ENCONTRA A CLÍNICA DA ATIVIDADE

(WHEN SCHOOL PSYCHOLOGY MEETS THE ACTIVITY CLINIC)

Lígia Carvalho Libâneo¹

Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo tecer aproximações teóricas e metodológicas entre a psicologia escolar e a clínica da atividade. As conceituações de trabalho e atividade na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano foram as linhas condutoras e promotoras desse encontro entre as duas áreas. Trata-se de uma comunicação constituída por três momentos. No primeiro deles, dialogamos sobre os avanços, os desafios e as necessidades da psicologia escolar em universidades identificados na produção acadêmico-científica-profissional contemporânea. No segundo momento, discutimos alguns conceitos da clínica da atividade que inspiram reflexões sobre a centralidade da categoria trabalho na atividade da psicóloga escolar. Esta centralidade é um dos temas da terceira seção, também constituída por outras discussões como: as circunstâncias socioinstitucionais do trabalho da psicóloga escolar na educação superior, as sendas entre o trabalho prescrito e o real da atividade, e o papel de interveniente. Nossa intenção com o artigo é promover alguns deslocamentos dos temas contemporâneos centrais da psicologia escolar, tomando as produções teóricas da clínica da atividade como inspiração-recurso para pensar a atuação da psicóloga escolar. Entre esses deslocamentos, focalizamos a importância da temática de (se) trabalhar a atividade da psicóloga escolar e dos demais atores educacionais, entre eles os servidores técnico-administrativos em universidades, segmento pouco visibilizado na produção acadêmica da psicologia escolar. Esperamos que nossa escrita contribua teórica e metodologicamente com a área da educação na construção de novos campos de possibilidades para se pensar as problemáticas que envolvem os processos de ensino-aprendizagem, na superação das leituras individualizantes e patologizantes e no estudo da potência coletiva dos trabalhadores em educação como sujeitos criadores do trabalho.

Palavras-chave: psicologia escolar; clínica da atividade; trabalho; criação.

ABSTRACT

This article aims to weave theoretical and methodological approaches between school psychology and clinical activity. Conceptualizations of work and activity in the historical-cultural perspective of human development were the guiding lines and promoters of this meets between the two areas. It is a communication made up of three moments. In the first one, we discuss the advances, challenges and needs of school psychology at universities identified in contemporary academic-scientific-professional production. In the second moment, we discuss some concepts of the activity clinic that inspire reflections on the centrality of the work category in the activity of the

¹ Doutora em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Psicóloga escolar na Coordenação de Articulação da Comunidade Educativa (CoEduca/DASU/DAC) na Universidade de Brasília. Email: ligiaclibaneo@gmail.com.

² Pós-doutora em Filosofia (Estética), na Université Paris 8, em Paris. Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, do Instituto de Psicologia, da Universidade de Brasília. Email: luciahelenaczp@gmail.com.

school psychologist. This centrality is one of the themes of the third section, also made up of other discussions such as: the socio-institutional circumstances of the work of the school psychologist in higher education, the paths between the prescribed work and the real activity, and the intervening role. Our intention with the article is to promote some displacements of the central contemporary themes of school psychology, taking the theoretical productions of the clinic of the activity as an inspiration resource to think about the performance of the school psychologist. Among these displacements, we focus on the importance of the theme of working the activity of the school psychologist and other educational actors, including technical-administrative workers at the university, a segment that is little visible in the academic production of school psychology. We hope that our writing contributes theoretically and methodologically to the area of education in the construction of new fields of possibilities for thinking about the problems that involve the teaching-learning processes, in overcoming individualizing and pathologizing readings and in the study of the collective power of workers in education as creators of work.

Keywords: school psychology; activity clinic; work; creation.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi escrito a partir de uma imagem: duas pessoas que pouco se conhecem e se encontram para dançar. Essas pessoas seriam a psicologia escolar e a clínica da atividade. O momento da dança é a pós-produção da tese *Tornar-se servidor/a técnico-administrativo/a na Universidade de Brasília: a mediação da psicologia escolar* (LIBÂNEO, 2019).

Com base na imagem de uma dança, organizamos nosso manuscrito em três atos. Em referência à etapa de aquecimento para a dança, nos dois primeiros atos, apresentamos separadamente a psicologia escolar e a clínica da atividade como distintos campos teórico-metodológicos.

No primeiro ato, dialogamos sobre os avanços, os desafios e as necessidades da psicologia escolar em universidade, identificados na produção acadêmico-científico-profissional contemporânea. No segundo, discutimos alguns conceitos da clínica da atividade, que inspiram reflexões sobre a centralidade da categoria trabalho na atividade da psicóloga escolar.

No terceiro, focalizamos o encontro entre a psicologia escolar e a clínica da atividade. Nos passos e descompassos da dança são performadas a atividade da psicóloga escolar em universidade e suas circunstâncias socioinstitucionais, as sendas entre o trabalho prescrito e o real da atividade, a centralidade do trabalho e o papel de mediadora da atividade. Experimentada a possibilidade de um diálogo entre as áreas, sugerimos, ao

final do manuscrito, inspirações que essa dança apresentou para uma agenda de novos possíveis encontros entre psicologia escolar e clínica da atividade.

EU E O OUTRO: A PSICOLOGIA ESCOLAR EM UNIVERSIDADE

A educação superior é um contexto emergente de atuação da psicologia escolar (MARINHO-ARAÚJO, 2009) e por esse motivo são relativamente recentes as produções acadêmicas sobre os fazeres e os saberes profissionais próprios a esse nível de ensino. Marinho-Araujo (2009) admite que, assim como na educação básica, o contexto universitário é permeado pela “lógica da padronização, homogeneização, normatização presente nas formas cada vez mais sutis de controle social” (p. 176) e que a psicologia escolar precisa atuar no combate crítico e lúcido a essa lógica.

Mudam-se as queixas escolares e as formas de manifestação do fracasso escolar, mas permanece a responsabilização individual de estudantes. Esta responsabilização é justificada em situações biológicas, de saúde mental e/ou socioeconômicas. Nesse sentido, apontamos entre os desafios da atuação crítico-criadora da psicologia escolar em universidade a superação da responsabilização individual de estudantes pelas situações de reprovação, desinteresse pelo curso, evasão, permanência prolongada, entre outras queixas escolares e formas de manifestação do fracasso escolar.

Com a intenção de mudar a perspectiva da atuação individualizante da psicóloga escolar, que desconsidera os fatores econômicos, sociais, políticos, institucionais, pedagógicos, intersubjetivos, subjetivos, muitas autoras têm apontado caminhos. Marinho-Araujo (2009) apresenta um modelo de atuação em psicologia escolar que estrutura três dimensões: (a) Gestão de políticas, programas e processos educacionais nas Instituições de Educação Superior (IES); (b) Propostas pedagógicas e funcionamento de cursos e (c) Perfil do estudante.

Na proposta de Marinho-Araujo (2009) ressalta-se a interdependência entre dinâmica institucional e processos de desenvolvimento humano. A autora focaliza a relação entre gestão de políticas, programas e processos educacionais nas Instituições de Educação Superior (IES), propostas pedagógicas e funcionamento de cursos e o desenvolvimento dos atores educacionais, especialmente estudantes e docentes.

Outras contribuições da literatura da psicologia escolar na educação superior para compreensão da atividade da psicóloga escolar surgem de reflexões que partem da atuação voltada para ações de acolhimento aos novos estudantes (CARVALHO, SANTOS & SAMPAIO, 2016; MOURA & FACCI, 2016) e da atuação no contexto da formação de professores (MARINHO-ARAUJO, 2009; SAMPAIO, 2011; ZAVADSKI & FACCI, 2012). Marinho-Araujo (2009) destaca a importância da psicologia escolar, na formação continuada de professores, discutir concepções de educação, de ensino, de desenvolvimento, de aprendizagem, de processos de avaliação, o que, segundo a autora, favoreceria a conscientização e a intencionalidade na ação.

Matos, Santos e Dazzani (2016), por seu turno, destacam como temas emergentes, provocados pela expansão e democratização da educação superior os projetos curriculares, a formação do corpo docente, os processos de avaliação, a adequação das instalações físicas e as discussões sobre inclusão e permanência dos estudantes, de maneira digna. Sampaio (2010) defende como prática do profissional de psicologia escolar o suporte efetivo a todos os estudantes oriundos das camadas populares que ingressam nas universidades brasileiras, via políticas de ações afirmativas, especialmente nos anos letivos iniciais. Chama atenção para que a vida acadêmica seja pensada não apenas pelo desempenho, mas pelos diversos aspectos afetivos da experiência universitária, envolvendo a sociabilidade e a convivência com os membros da comunidade acadêmica.

O deslocamento de uma perspectiva individualizante para uma coletiva implica a integração da psicologia escolar a uma equipe escolar. Isso pressupõe o desenvolvimento de uma atuação institucional e coletiva com os profissionais da educação - docentes, gestores, técnico-administrativos, trabalhadores terceirizados. Entretanto, destacamos, nas produções acadêmicas da psicologia escolar na educação superior, o enfoque principal da ação da psicologia escolar junto aos estudantes e professores. Embora essas produções questionem a necessidade de uma atuação frente às políticas institucionais, o trabalho realizado diretamente com gestores é pouco evidenciado. De forma residual são apresentadas práticas da psicologia escolar junto a funcionários e servidores técnico-administrativos.

Na atuação institucional da psicóloga escolar, é importante reconhecer os servidores técnico-administrativos como atores fundamentais do processo educativo e parceiros na nossa atuação, sem perder de vista que a própria psicóloga escolar é parte dessa categoria profissional (LIBÂNEO, 2019). A construção de um projeto coletivo de universidade e efetivamente democrático implica ampliar o foco de atuação da psicologia escolar e envolver todos os seus atores.

Em relação à contribuição dos trabalhadores técnico-administrativos em educação para a realização dos objetivos da universidade (o ensino, a pesquisa e a extensão), Fonseca (1996) destaca a invisibilidade do segmento dos servidores técnico-administrativos em universidade, que luta para construir uma identidade profissional própria. Nesse cenário, Marzola (2013) reconhece a luta desse segmento direcionada à afirmação da identidade dessa categoria como agentes do processo de formação do cidadão e da construção do conhecimento.

Em nossa tese *Tornar-se servidor/a técnico-administrativo/a na Universidade de Brasília: A mediação da psicologia escolar*, partimos do olhar da psicologia escolar para compreender o processo de tornar-se servidor técnico-administrativo na Universidade de Brasília (UnB) em sua historicidade, sua singularidade e suas relações constituintes. Nossa investigação pautou-se principalmente em construir com os participantes possibilidades de criação de significados e sentidos sobre seus processos de tornarem-se trabalhadores da e na UnB. E, como desdobramento desse procedimento interventivo, criar possibilidades de ações coletivas a serem desenvolvidas entre a psicologia escolar e os servidores técnico-administrativos em universidade, que enfatizassem a dimensão criadora do trabalho educativo.

Para investigar a dimensão educativa e criadora do trabalho dos servidores técnico-administrativos, em nossa metodologia, optamos pelas narrativas autobiográficas, as caminhadas e a fotografia como mediações na produção de sentidos e significados sobre os processos de tornarem-se trabalhadores em educação. Com esse desenho metodológico, a pesquisa, realizada com nove participantes, possibilitou compreender como a universidade, ao mesmo tempo em que apresenta uma história possível a cada trabalhador, é também surpreendida pela originalidade e singularidade de cada um.

Com nossa tese, assumimos a atividade dos servidores técnico-administrativos como dispositivo importante de análise do processo educativo, tanto no que diz respeito à universidade enquanto espaço criador de desenvolvimento de seus trabalhadores como do trabalho enquanto espaço criador de desenvolvimento para a universidade. Ao centralizarmos a atividade dos servidores técnico-administrativos no trabalho da psicóloga escolar, como parte dessa categoria e parceiro na atuação de outros servidores técnico-administrativos, fez-se necessária maior aproximação com o campo das clínicas do trabalho, especialmente da clínica da atividade.

O OUTRO E EU: A CLÍNICA DA ATIVIDADE

Assim como na psicologia escolar, há no campo do trabalho debates a respeito da atuação psicológica focalizada somente no indivíduo. Do mesmo modo que a psicologia escolar tem debatido a produção social do fracasso escolar, autores das clínicas do trabalho incorporam reflexões a respeito da produção social do sofrimento no trabalho.

Clot (2006), a quem se atribui a criação da clínica da atividade, baseando-se em Vigotski e outros teóricos, considera o sofrimento do ponto de vista da atividade como efeito de uma atividade contrariada e até reprimida, uma amputação do poder de agir. O operador conceitual “poder de agir”, nessa abordagem, torna-se o analisador a partir do qual se discute os processos de saúde e doença dos trabalhadores. Relacionam-se esses processos à ampliação ou à amputação do potencial inventivo próprio da vida.

Ao pensamento de Clot, acrescentamos o que Bendassolli e Soboll (2011) ressaltam como um dos focos de preocupação das clínicas do trabalho: a vulnerabilização do sujeito e dos coletivos profissionais. Sinais importantes dessa vulnerabilidade são o processo de individualização, o desmantelamento dos coletivos de trabalho e a consequente perda de referenciais compartilhados (BENDASSOLLI & SOBOLL, 2011). Há que se levar em conta ainda situações de organização do trabalho que lutam contra a organização coletiva e em que os coletivos são sacrificados (CLOT, 2006).

Por outro lado, existem situações de trabalho em que o sujeito percebe que seu trabalho faz sentido na sua vida. Quando há autonomia, coletivo forte, compartilhamento, o sujeito torna-se mais potente, havendo uma ampliação no poder de agir (CLOT, 2010). Nas palavras de Oliveira, Fonseca e Moehlecke (2016), o corpo apropriado de sua

potência “experimenta os delírios do verbo, ou o encantamento do corpo, porque crescem as forças, transbordam as possibilidades de um ser que se reinventa e contempla a alegria imanente ao mundo” (p. 121).

Nesse sentido, já afirmava Clot (2006) que o trabalho carrega uma função psicológica específica, a de transformar o mundo e a subjetividade dos trabalhadores. Isto porque, na criação de modos sempre novos para realizar o trabalho, não apenas o trabalho é renovado como também aqueles e aquelas que o operam (ROCHA & AMADOR, 2018).

Quando desenvolve uma atividade, o trabalhador realiza um esforço intenso de gestão da distância entre o trabalho prescrito e o real. O que se realiza na atividade, o real da atividade, é uma colisão de possíveis, colisão entre o que é feito e o que ainda não foi feito. Até o sonho é parte da atividade (CLOT, 2006) e há um caráter de imprevisibilidade na atividade que requer a cada instante a inteligência criadora de trabalhadores e trabalhadoras (AMADOR & FONSECA, 2014).

Além da gestão da distância entre o trabalho prescrito e o real, existe o enfrentamento de situações sobre as quais não se encontra uma forma preestabelecida de agir. Nestas situações os trabalhadores são obrigados a reinventarem a si mesmos (AMADOR & FONSECA, 2014), convocando-se por inteiro, por meio de seu corpo biológico, sua inteligência, sua afetividade, sua história de vida e de relações com os outros (BARROS & FONSECA, 2010).

A natureza dinâmica e imprevisível da atividade invade a execução e alimenta-a com movimento (AMADOR & FONSECA, 2014). E embora as leis do capital enalteçam o mundo finalizado, o trabalho não deve ser tomado como um mundo já feito, com suas ordens e funcionamentos, mas um mundo a se fazer, fazendo-se (AMARANTE, 2016). A intervenção sobre a atividade, em atividade, é uma proposta potente de “produção de desestabilização do já dado” (SILVA & GOMES, 2016, p. 131), pois tem em vista disparar acontecimentos, ainda que pequenos, mas que escapem ao controle, engendrando novos espaços-tempos (AMARANTE, 2016).

A clínica da atividade esforça-se pela redução dos elementos que geram sofrimento (como a organização prescrita do trabalho) e que bloqueiam ou reduzem o poder de agir dos sujeitos (BENDASSOLLI & SOBOLL, 2011). A transformação das

condições precárias de trabalho está no centro dos objetivos da clínica da atividade e o grande diferencial dessa abordagem está no reconhecimento de quem são os protagonistas dessa transformação. Os clínicos da atividade apostam na potência dos coletivos profissionais que recriam “a organização do trabalho pelo trabalho de organização do coletivo” (CLOT, 2010, p. 119).

A proposta de Yves Clot (2010) é de “implementação de um dispositivo metodológico destinado a tornar-se instrumento para a ação dos próprios coletivos de trabalho” (p. 117). As metodologias de mediação da atividade tornam-se “ferramentas-intercessoras para o processo de transformação do vivido nos locais de trabalho” (BARROS & TEIXEIRA, 2009, p. 81). Na mediação da atividade, Clot (2010) desaconselha uma prática de especialista da transformação.

A clínica da atividade distingue-se das abordagens das clínicas tradicionais em que uma expertise “externa” propõe “intervenções que redundam em recomendações” (CLOT, 2010, p. 117). Como característica importante do clínico da atividade, Althaus e Banks-Leite (2017) ressaltam a necessidade de este profissional lutar contra o que já sabe. Para as autoras, a conquista da “ignorância” é a condição de possibilidade da ação, o que permite ao clínico observar, acolher ou mesmo “provocar”, de maneira hábil, as transformações, o surgimento do novo, do inesperado (ALTHAUS & BANKS-LEITE, 2017).

QUANDO A PSICOLOGIA ESCOLAR ENCONTRA A CLÍNICA DA ATIVIDADE

O encontro da psicologia escolar com a clínica da atividade, no contexto da mencionada tese de doutorado *Tornar-se servidor/a técnico-administrativo/a na Universidade de Brasília: a mediação da psicologia escolar*, pode ser compreendido como se segue. A mediação da clínica da atividade aconteceu principalmente pela necessidade de busca por subsídios teórico-metodológicos que contemplassem a discussão da centralidade da categoria trabalho na atividade da psicóloga escolar. Com a clínica da atividade, ampliamos nossa compreensão sobre a relação entre atividade profissional e subjetividade e, ainda, sobre a mediação da atividade como ênfase do trabalho da psicóloga escolar.

A aproximação com a clínica da atividade permitiu que colocássemos em análise a atividade dos servidores técnico-administrativos e a atividade da psicóloga escolar (também servidora técnico-administrativa), enquanto participantes e pesquisadora produziam sentidos e significados sobre seus processos de tornarem-se trabalhadores em educação. As escutas das narrativas constituíram-se escuta-intervenções no sentido de colocar nossa atuação como psicóloga escolar na Universidade de Brasília como objeto de análise, buscando compreendê-la como parte da classe profissional psicóloga e como parte dos trabalhadores em educação, no contexto da educação superior.

As informações construídas na pesquisa, decorrentes dos estudos teóricos e da análise dos encontros com os participantes, fizeram emergir zonas de inteligibilidade sobre os dramas profissionais, como psicóloga escolar, vinculando-os à inserção sociotécnica, como parte da chamada atividade-meio da universidade, realizada por servidores técnico-administrativos em educação. Observamos que parte das dificuldades no cotidiano profissional estava para além da discussão circunscrita à história da psicologia em geral e da psicologia escolar, em particular. Essas dificuldades também se compõem das (in)compreensões sobre o trabalho educativo e o papel educativo dos trabalhadores em educação não-docentes.

Por isso, pensamos que uma parcela das dificuldades da psicologia escolar, na concreção de uma atuação crítico-criadora, estava associada aos fenômenos da invisibilidade social, da marginalidade pedagógica, da subalternidade política, da indefinição funcional que têm marcado a história de constituição da carreira e a experiência de servidores técnico-administrativos em universidade (LIBÂNEO, 2019). Ao mesmo tempo, quando apostamos na questão “O que pode o corpo que (se) trabalha?” (OLIVEIRA, FONSECA & MOEHLECKE, 2016, p. 117), estamos acreditando que por meio de uma análise da atividade o sujeito se produz ao colocar o mundo a seu favor, ao torná-lo um “mundo para si”, integrando-se a ele e reformulando-o (CLOT, 2006). E nesse sentido, ressaltamos a importância de a psicologia escolar se ver partícipe da produção dos acontecimentos que pretende alterar, e não passiva e impotente frente a uma engrenagem grande e poderosa fora dela (MACHADO & SAYÃO, 2017).

O objetivo da psicóloga escolar, ao se inserir na esfera do trabalho institucional, com os diversos públicos da educação superior, e de forma direta com professores,

coordenadores de curso, gestores e demais profissionais da educação, segundo Marinho-Araujo (2014), é contribuir para a “transformação social, a conscientização e o empoderamento dos diversos atores desse contexto no protagonismo coletivo das mudanças institucionais” (p. 203). Essa transformação passa pela (re) discussão da função social da educação superior e da qualificação do profissional psicólogo nos âmbitos da fundamentação teórico-conceitual do desenvolvimento psicológico humano, em especial do sujeito adulto, e pelo planejamento intencional de ações, coletivamente ampliadas nos âmbitos institucionais e sociopolíticos das IES (MARINHO-ARAÚJO, 2014).

A discussão de interveniente da Clínica da Atividade nos ajuda a pensar os processos de aproximação entre a psicologia escolar e os demais trabalhadores da educação. Não cabe ao interveniente avaliar, diagnosticar e/ ou emitir juízos de valor sobre o trabalho de um coletivo, tampouco aconselhar o emprego de um procedimento ou a implementação de mudanças na maneira de realizar tarefas (ALTHAUS & BANKS-LEITE, 2017).

Por não nos identificarmos com uma psicologia escolar de remediações e de recomendações, consideramos que a mediação da psicologia escolar encontra-se na possibilidade de, junto com os trabalhadores e na análise conjunta das condições concretas, encontrarmos caminhos que transformem nossa impotência em potência de criação. Quando a psicóloga escolar desenvolver ações com a sua categorial profissional ou com outras categorias profissionais na universidade, como foi exposto na primeira seção “Eu e o outro: A psicologia escolar em universidade”, é pertinente que ela considere os participantes da ação como os especialistas da sua própria atividade.

Acreditamos que o respeito à condição do outro como especialista da sua atividade é uma forma de ressignificação do lugar individualizante e patologizante que a psicologia escolar tem sido convocada a atuar e que muitas vezes tem assumido também na educação superior. Com a proposta de atuação no contexto da análise do trabalho educativo criamos outras condições e possibilidades para pensarmos coletivamente as problemáticas que envolvem os processos de ensino-aprendizagem. Entre as ações que vislumbramos estão a ocupação de novos e diversos espaços coletivos, a criação e reinvenção de metodologias, a reformulação do modelo individualizante de acolhimento das queixas escolares, a criação de novos e diversos vínculos comunitários para a articulação em rede,

a mediação na criação de espaços de valorização dos saberes, histórias e experiências dos atores educativos e em que as práticas educativas possam ser objeto de análise, entre outros. A mudança nas práticas profissionais da psicologia escolar oferece novos desafios referentes à gestão da distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real e cria oportunidades de reinvenção de si, do trabalho e da universidade que é dialeticamente educanda e educadora.

REFERÊNCIAS

- ALTHAUS, D., & BANKS-LEITE, L. O interveniente em clínica da atividade: Considerações sobre seu papel e sua formação. **Horizontes**, v. 35, n. 3, p. 121-132, 2017.
- AMADOR, F. S. & FONSECA, T. M. G. Atividade: o trabalho sob o signo do inacabamento. In: Rosenberg, D. S.; Filho, J. R. & Barros, M. E. (Eds.). **Trabalho docente e poder de agir: Clínica da atividade, devires e análises**. Vitória: EDUFES, 2014. p. 19-50.
- AMARANTE, A. H. As coisas não têm paz: sobre trabalho e acontecimento. In: Amador, F. S.; Barros, M. E. B. & Fonseca, T. M. G. (Eds.). **Clínicas do trabalho e paradigma estético**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 33-45.
- ARIATI, S. & LIMA, A. Questões de estilo no exercício da docência na Educação Superior. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 18, n. 1, p. 193-212, 2018.
- BARROS, M. E. & FONSECA, T. M. G. Entre prescrições e singularizações: o trabalho em vias da criação. **Fractal: Revista de psicologia**, v. 22, n. 1, p. 101-114, 2010.
- BARROS, M. E. B. D. & Teixeira, D. V. Clínica da atividade e cartografia: construindo metodologias de análise do trabalho. **Psicol. Soc., Florianópolis**, v. 21, n. 1, p. 81-90, 2009.
- BENDASSOLLI, P. F. & SOBOLL, L. A. P. Clínicas do trabalho: filiações, premissas e desafios. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 14, n. 1, p. 59-72, 2011.
- CARVALHO, A., SANTOS, R. P., & SAMPAIO, S. M. R. Permanência de estudantes em cursos de Licenciatura do IFBA: da teoria da afiliação à psicologia positiva. In: Dazzani, M. V. & Souza, V. L. T. de (Eds.). **Psicologia escolar crítica: teoria e práticas de contextos educacionais**. Campinas: Editora Alínea, 2016. p. 127-139.
- CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CLOT, Y. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- FONSECA, J. E. N. **Novos atores na cena universitária**. Rio de Janeiro: UFRJ/NAU, 1996.

LIBÂNEO, L. C. **Tornar-se servidor(a) técnico-administrativo(a) na Universidade de Brasília: a mediação da psicologia escolar.** Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MACHADO, A. M., & SAYÃO, Y. **Plantão institucional em tempos difíceis: uma prática psi no campo da educação.** In: Adriana Marcondes Machado, A. M.; Lerner, A. B. C. & Fonseca, P. F (Eds.). **Concepções e proposições em Psicologia e Educação: a trajetória do Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.** São Paulo: Blucher, 2017.

MARINHO-ARAÚJO, C. M. **Psicologia escolar na educação superior: novos cenários de intervenção e pesquisa.** In: Marinho-Araújo, C. M. (Ed.). **Psicologia escolar: novos cenários e contextos de pesquisa, formação e prática.** Campinas: Alínea, 2009. p. 155-202.

MARINHO-ARAÚJO, C. M. **Psicologia Escolar na educação superior: desafios e potencialidades.** In: Guzzo, R. S. L. (Ed.). **Psicologia escolar: desafios e bastidores na educação pública.** Campinas: Alínea, 2014. p. 219-239.

MARZOLA, M. S. O. **Gestão e gênero: Reflexões sobre o PCCTAE e mobilidade funcional de mulheres na UnB.** Dissertação. (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MATOS, A. S., SANTOS, J. V. B. K., & DAZZANI, M. V. M. **O psicólogo escolar na educação superior: promovendo um olhar ampliado sobre assistência estudantil.** In: Dazzani, M. V. & Souza, V. L. T. (Eds.). **Psicologia escolar crítica: teoria e práticas de contextos educacionais.** Campinas: Editora Alínea, 2016. p. 115-125.

MOURA, F. R. DE & FACCI, M. G. D. **A atuação do psicólogo escolar no ensino superior: configurações, desafios e proposições sobre o fracasso escolar.** **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 3, p. 503-514, 2016.

OLIVEIRA, A. M., FONSECA, T. M. G., & MOEHLECKE, V. **Corpos que (se) trabalham: relações éticas na construção de si e do coletivo.** In: Amador, F. S.; Barros, M. E. B. & Fonseca, T. M. G. (Eds.). **Clínicas do trabalho e paradigma estético.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 113-128.

ROCHA, C. T. M. & AMADOR, F. S. **A respeito do conceito de experiência na Clínica da Atividade.** **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 13, n. 2, p. 1-15, 2018.

SAMPAIO, S. M. R. **A Psicologia na educação superior: ausências e percalços.** **Em Aberto**, v. 23, n. 83, p. 95-105, 2010.

SAMPAIO, S. **A educação superior como espaço privilegiado para a orientação acadêmica.** In: Guzzo, R. & Marinho-Araújo, C. (Eds.). **Psicologia Escolar: identificando e superando barreiras.** Campinas: Alínea, 2011. p. 215-228.

SILVA, F. H. & GOMES, R. S. Memória, corpo e trabalho. In: Amador, F. S.; Barros, M. E. B. & Fonseca, T. M. G. (Eds.). *Clínicas do Trabalho e Paradigma Estético*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 129-144.

ZAVADSKI, K. C. & FACCI, M. G. D. A atuação do psicólogo escolar no ensino superior e a formação de professores. *Psicologia USP*, v. 23, n. 4, p. 683-705, 2012.

Recebido em 18 de outubro de 2022

Aprovado em 19 de dezembro de 2022